

# O GOVERNO COLLOR E A MODERNIDADE EM TEMPOS INCERTOS

Luiz Carlos Bresser Pereira\*

Os tempos de Bertolt Brecht e Hannah Arendt (1955), marcados pelo nazismo e o estalinismo, foram "tempos sombrios". Cinquenta anos depois vivemos tempos incertos, marcados pela superação de velhas crenças e pela confusão ideológica. Hirschman (1982) nos fala dos ciclos políticos, através dos quais as gerações em um momento se dedicam ao interesse público, para em seguida, frustradas ou desencantadas, voltarem-se para seus interesses particulares. Nestes tempos incertos os interesses particulares claramente se sobrepõem ao interesse público. Os jovens estão mais preocupados com sua carreira do que com a participação na vida pública.

Se os tempos são incertos em todo o mundo, mais incertos são eles para o Brasil, que vive uma crise econômica — na verdade uma crise fiscal do Estado — sem precedentes, que deixa suas melhores inteligências sem perspectivas, se não sem esperança. O governo Collor enfrenta esses tempos incertos com a bandeira da modernidade e do mercado. Em função disto Collor e seu governo são identificados com o neoliberalismo, que, no campo da ação política, teve no thatcherismo sua expressão mais clara.

Nesta nota farei uma rápida análise dos resultados das eleições de 1990 e, em seguida, concentrarei a minha atenção nos aspectos políticos do governo Collor. Collor confundiu as tradicionais linhas ideológicas quando venceu as eleições em 1989, e continua a fazer o mesmo no seu primeiro ano de governo. A interpretação corrente na esquerda de que Collor é um "neoliberal" é a meu ver falsa. Ele sem dúvida é conservador. Tudo indica que é um conservador moderno. Mas daí para ser neoliberal vai muita distância. Se Collor não é um neoliberal, quais então as correntes ideológicas que de fato disputam o poder hoje no Brasil? Por outro lado, qual a relevância dessas correntes?

(\*) Agradeço a Pêrsio Arida por comentários e sugestões que me foram muito úteis.

## **As eleições de 1990**

As eleições deste ano no Brasil ficarão na história deste país como um triste episódio de incerteza e retrocesso. No plano parlamentar, o sistema eleitoral proporcional, ao invés de distrital ou distrital misto, provocou mais uma vez violenta renovação do Congresso (60% dos deputados não foram reeleitos) ao mesmo tempo em que contribuiu para a manutenção de sua falta de representatividade, já que os eleitores não conhecem os eleitos. No plano das eleições para governador, o retrocesso se manifestou através da eleição de velhos políticos comprometidos com o autoritarismo.

As eleições presidenciais de 1989 foram um momento de incerteza, de confusão, mas nada justificava falar em retrocesso. Havia desilusão com a Nova República, havia indignação contra os políticos e particularmente os políticos do PMDB, mas não havia volta para o passado. Collor não era o passado. Era o futuro, era a esperança para milhões de eleitores. Futuro e esperança que o novo presidente, um ano depois, ainda continua encarnando, apesar dos arranhões que seu governo vem sofrendo em função da resistência da inflação em cair. Nas eleições de 3 de outubro de 1990 o governo Collor não foi julgado. Certamente não foi repudiado. No segundo turno, em 25 de novembro, a derrota de candidatos ligados de alguma forma ao presidente permitiu a interpretação de que ele sofrera uma derrota. Mas uma derrota muito relativa, já que o presidente pouco se envolveu nas eleições. Por outro lado, houve uma forte desideologização nestas eleições. Enquanto em 1989 a alternativa final foi Collor ou Lula, direita ou esquerda, em 1990 a identificação dos candidatos com posições ideológicas perdeu importância.

## **Neoliberalismo no governo**

As eleições de 3 de outubro e 25 de novembro ocorreram ao mesmo tempo em que o governo Collor ia delineando seu perfil político. Para um grande número de intelectuais de esquerda, esse perfil estaria identificado ideologicamente com a direita neoliberal. Na medida em que Collor, na sua campanha eleitoral e agora no governo, promove a liberalização comercial e a privatização, na medida em que defende a idéia de que a coordenação da economia caiba antes ao mercado do que ao Estado, ele seria um neoliberal.

Esta é uma visão equivocada do neoliberalismo. Neoliberalismo é a ideologia da nova direita radicalmente contrária à intervenção do Estado na economia. Neoliberalismo é o velho liberalismo econômico modernizado pela microeconomia neoclássica da Escola Austríaca (Hayek), pela macroeconomia monetarista (Friedman) e dos novos clássicos (Lucas), e

pela crítica econômica e política do Estado realizada pela Escola da Escola Racional (Buchanan e Olson). Neoliberalismo foi o que Margareth Thatcher tentou implementar sem êxito durante onze anos na Inglaterra. Neoliberalismo era mais o discurso do que a prática (uma curiosa mistura de neoliberalismo e populismo) de Ronald Reagan — prática que levou a economia norte-americana à crise fiscal e a um sério agravamento da situação social<sup>1</sup>.

O neoliberalismo é profundamente individualista e pessimista a respeito da possibilidade de cooperação social ou de ação coletiva. Seu objetivo é o Estado Mínimo. Não apenas política industrial e tecnológica não fazem nenhum sentido para os neoliberais. As próprias políticas macroeconômicas de curto prazo seriam em princípio inúteis. O mercado é perfeitamente auto-regulável a partir das expectativas dos agentes econômicos. Além disso, para o verdadeiro neoliberal a própria política social é condenável, na medida em que desestimularia o trabalho e a iniciativa individual. Conforme Hirschman (1989) demonstrou, essa nova direita está baseada no velho princípio do "efeito perverso" que já estava presente na filosofia social de Edmund Burke: a tentativa de distribuir melhor a ren-

da, de alcançar uma maior equidade social é perversa, na medida em que seus efeitos reais seriam opostos aos objetivos pretendidos. Não importa que a história das social-democracias européias desminta esse fato. Para o verdadeiro neoliberal, para a nova direita que viceja nos Estados Unidos, onde a social-democracia jamais prevaleceu, e onde, portanto, os níveis de desigualdade são fortíssimos, a teoria implícita do efeito perverso é o grande argumento contra uma ação social mais efetiva do Estado e a explicação padrão para todas as falhas dessa ação.

Ora, definindo o neoliberalismo nestes termos é evidente que Collor não é um neoliberal. A política industrial e tecnológica que seu governo vai aos poucos estruturando nada tem de neoliberal. Procurar dar um papel maior ao mercado na coordenação da economia não é neoliberalismo, é mero bom senso quando o Estado cresceu demais. Privatizar é uma solução óbvia quando o Estado enfrenta uma crise fiscal gravíssima. Através da privatização o Estado pode obter recursos que lhe permitam reduzir sua dívida, ao invés de aplicar mais recursos em atividades produtivas que podem ser desempenhadas pelo setor privado. Liberalizar o comércio exterior é uma providência há muito necessária na medida em que a estratégia de substituição de importações esgotou-se já nos anos 60. Collor é chamado "neoliberal" devido a uma compreensão equivocada e ampla demais da expressão.

Na verdade o neoliberalismo não é no Brasil uma ideologia efetivamente adotada por setores significativos da "classe" política e do empresariado. Não é uma ideologia relevante para o Brasil enquanto prática política. Mesmo entre os intelectuais é difícil encontrar verdadeiros representantes dessa perspectiva teórico-ideológica.

Mas se Collor não é um neoliberal, se o neoliberalismo é no Brasil uma mera importação ideológica de setores de direita inexpressivos poli-

(1) Sobre a nova direita neoliberal ver Nick Bosanquet (1983), Ruth Levitas, org. (1986), Dunleavy e O'Leary (1987) e Norman Barry (1987).

ticamente, e uma invenção da esquerda igualmente sem sentido, o que representa seu governo ideologicamente? E mais amplamente, quais são as verdadeiras correntes ideológicas hoje disputando o poder no Brasil?

### **Esquerda e direita, moderno e arcaico**

É comum ouvirmos dizer que a distinção entre esquerda e direita não tem mais sentido. Mais importante seria a distinção entre arcaico e moderno. Essa afirmação é falsa, ao pretender desqualificar uma clivagem político-ideológica que sempre foi fundamental. A distinção entre aqueles que, na direita, em nome dos interesses estabelecidos, colocam a ordem acima da justiça, e aqueles que, na esquerda, inconformados com o estado das coisas, estão dispostos a arriscar um pouco a ordem em nome da justiça, sempre foi importante e continuará a sê-lo. A afirmação, entretanto, é correta ao salientar que em um tempo em transformação como o nosso a distinção entre o arcaico e o moderno tornou-se crucial. Há uma esquerda arcaica e uma esquerda moderna, como há uma direita arcaica e uma direita moderna. E Hélio Jaguaribe sugeriu recentemente que o arcaico está mais distante do moderno do que a esquerda moderna social-democrática da direita moderna: "a distância que separa a esquerda e a direita modernas de suas formas arcaicas é incomparavelmente maior do que o intervalo que distancia uma da outra. Helmut Schmidt e Oskar Lafontaine estão muitíssimo mais próximos de Helmut Köhl do que dos antigos dirigentes da Alemanha Oriental" (1990, p. 4).

O que distingue tanto a direita quanto a esquerda modernas é o primado da eficiência e de uma razoável equidade social. No primeiro sentido há uma conotação curiosamente tecnocrática no sentido da palavra "moderno". Tanto a direita quanto a esquerda modernas parecem sair diretamente de escolas de economia e de administração, onde se formam os tecnoburocratas, enquanto a esquerda e a direita arcaicas saíam das escolas de direito. Para alcançar essa eficiência existe a convicção de que a alocação dos recursos via mercado é preferencial sobre a alocação via Estado. Embora as duas correntes concordem nesse ponto, está claro que a direita dá mais ênfase a ele do que a esquerda. Por outro lado, para alcançar a equidade social o mercado deve ser complementado pelo Estado. Aqui novamente há acordo, mas o ponto é naturalmente mais enfatizado pela esquerda moderna. É preciso ficar claro que a direita moderna não é neoliberal, porque aceita a intervenção ampla do Estado na área social e limitada na área econômica. Continua a ser direita, porém, na medida em que o capitalismo é visto como o sistema econômico e social ideal. Por outro lado, a esquerda moderna continua a ser esquerda, porque em sua utopia, geralmente colocada em um futuro distante, existe sempre algo parecido com um socialismo de mercado, autogestionário e democrático. O capitalismo pode ser a forma mais eficiente, apesar de todos os

seus desperdícios, de um dia chegar a essa utopia. Não se confunde, entretanto, com ela.

A esquerda moderna vem surgindo de várias maneiras. Nos anos 60 falava-se em uma "nova esquerda" nos países centrais. Nos anos 70, nos Estados Unidos, ao nível do Partido Democrata, surgiu uma nova corrente de políticos progressistas, por alguns identificados como os "filhos de Kennedy", que William Schneider (1990) chamou equivocadamente de "neoliberais"<sup>2</sup>. Na medida em que esses jovens políticos davam uma ênfase muito maior ao mercado e à eficiência, foram frequentemente confundidos com os conservadores. Schneider perguntou ao deputado Andrew Maguire, pertencente a esse grupo, se ele se considerava um "liberal" no sentido americano do termo (um progressista portanto). O deputado respondeu afirmativamente e acrescentou: "Estávamos sempre tentando redefinir a palavra. Estávamos sempre tentando dizer que as palavras *liberal* e *conservador* eram mais enganosas do que esclarecedoras" (Schneider, 1940, p. 40). Estes novos progressistas tinham como programa fundamental a fusão "da tradição liberal (progressista) com os valores do pragmatismo, da eficiência e da boa administração — com o compromisso de fazer as coisas funcionarem" (Schneider, 1990, p. 5).

### Moderno e arcaico no Brasil

Em oposição a estas idéias modernas, a direita arcaica, no plano mais geral ou universal, estava mais preocupada com a ordem e a tradição, enquanto a esquerda se preocupava com o estabelecimento de uma ordem nova. No âmbito mais restrito do Brasil, nos últimos trinta anos, a direita arcaica estava identificada com o desenvolvimentismo burocrático autoritário, enquanto a esquerda arcaica se apegava ao populismo distributivista.

A transição do arcaico para o moderno está acontecendo no Brasil de forma dramática nos anos 80, em meio a um processo de transição democrática, de desinteresse pela política e de crise econômica. A transição democrática ocorreu da direita arcaica para a esquerda arcaica. O fracasso das duas na Nova República — da esquerda arcaica na primeira metade do governo Sarney e da direita arcaica na segunda — em enfrentar a crise econômica acelerou o processo de mudança em direção ao moderno<sup>3</sup>.

Collor se elegeu com essa bandeira — a bandeira da modernidade. Modernidade expressa na superioridade do mercado sobre o Estado para promover a eficiência econômica. Modernidade expressa em um compromisso de luta contra a pobreza e a desigualdade. No seu relacionamento direto, pessoal, com cada eleitor havia sem dúvida um elemento claramente populista. Mas este fato não o levou, no governo, a adotar práticas populistas. Sua política de estabilização não está dando bons resultados, mas isto não se deve a práticas populistas, ao medo de tomar medidas impo-

(2) Nos Estados Unidos a palavra esquerda é reservada apenas para a esquerda marxista ou neomarxista. A esquerda moderada ou progressista é chamada de "liberal". O "liberal" é um democrata socialmente reformista que se opõe aos conservadores, aos "liberais" do continente europeu. Galbraith é o "liberal" por excelência nos Estados Unidos. Para evitar essa confusão de palavras, os ingleses, situados entre os Estados Unidos e a Europa, passaram muito apropriadamente a usar a expressão "neoliberal" para definir os liberais de hoje no sentido europeu. Schneider faz uma confusão e chama de neoliberais os novos "liberais" que surgiram no Partido Democrata a partir dos anos 70.

(3) O governo Sarney começou comprometido com a aliança democrática entre a esquerda arcaica, representada pelo PMDB, e os empresários. A partir de 1987, com o objetivo de ficar cinco anos no governo, Sarney rompe essa aliança e se alia com os setores mais arcaicos e fisiológicos da direita. Para caracterizar essa mudança usei o conceito de capital industrial e capital mercantil. Ver a respeito Bresser Pereira, 1988.

pulares, à falta de apoio à equipe econômica. Deve-se antes a não se estar dando a devida importância ao caráter inercial da inflação brasileira.

Collor inscreve-se, portanto, no campo da modernidade. Modernidade conservadora, de direita, antes que modernidade de esquerda. Mas sem dúvida modernidade.

Por outro lado há uma outra clivagem fundamental que precisa ser destacada. A esquerda arcaica era nacionalista, a direita arcaica oscilava entre o nacionalismo e o internacionalismo primeiro-mundista. Tanto a esquerda como a direita modernas não são nacionalistas. Cada vez mais estão identificadas com a idéia do interesse nacional. Interesse nacional que deve ser examinado caso a caso, que recusa as idéias de imperialismo generalizado dos nacionalistas da mesma forma que não aceita o pressuposto da boa vontade do Primeiro Mundo dos internacionalistas. Collor, através de sua política de dívida externa, parece claramente identificado com a estratégia do interesse nacional.

### Perspectivas do governo Collor

É claro que o governo Collor está cheio de contradições. Em um país tão complexo e desigual como o Brasil, é impossível ser governo sem ser contraditório. As contradições se originam no próprio Collor. Suas origens estão na direita oligárquica do coronelismo nordestino e na direita arcaica, burocrático-autoritária de 1964. Mas está claro que, embora sem negá-las totalmente, ele superou essas origens.

É claro, também, que há muitas indefinições em seu governo. Que ainda não é possível saber se será um governo bem ou mal sucedido. Estou procurando defini-lo no quadro da direita moderna identificada com o interesse nacional, mas esta é uma análise preliminar. O governo Collor está apenas no começo. A crise econômica que está enfrentando é imensa, a herança que recebeu do governo Sarney, pesadíssima, as pressões que sofre dos credores externos, enormes. O Brasil é hoje uma sociedade dividida e sem rumos. Liderar essa sociedade para a modernidade, para a retomada do desenvolvimento com um mínimo de equidade, é uma tarefa ciclópica. Nada garante que Collor consiga realizá-la.

No momento, especialmente devido a uma inflação que não pára de subir e a uma recessão que ameaça ser gravíssima, delineia-se uma primeira crise política para o governo Collor. Neste contexto, do qual fazem parte as recentes eleições, a pressão geral é no sentido de que Collor negocie mais com a sociedade. Collor tem se recusado a negociar, temendo que negociação possa representar fraqueza. De fato, a determinação e a coragem em enfrentar a crise — que ele tanto preza — podem ser prejudicadas por excesso de negociação. Mais importante que negociar, hoje, é ouvir. Ouvir para formar sua própria convicção sobre como enfrentar a crise.

### REFERÊNCIAS

Arendt, Hannah (1959). "On Humanity in Dark Times: Thoughts about Lessing". Conferência ao aceitar o Prêmio Lessing, Hamburgo, 1959. In Hannah Arendt, *Mat in Dark Times*. Nova York, Harcourt Brace Jovanovich, 1968.

Barry, Norman P. (1987). *The New Right*. Londres, Croom Helm.

Bosanquet, Nick (1987). *After the New Right* Londres, Heinemann.

Bresser Pereira, Luiz Carlos (1988). "De Volta ao Capital Mercantil — Caio Prado Jr. e a Crise da Nova República". *Revista Brasileira de Ciência Política*, vol. 1, n° 1, março 1989. Versão reduzida em *Novos Estudos Cebrap*, n° 23, março 1989, com o título "A Crise da Nova República". Trabalho apresentado à Jornada de Estudos Caio Prado Jr., patrocinada pela Unesp, em Marília, maio de 1988.

Dunleavy, P. e O'Leary, B. (1987). *Theories of the State*. Nova York, The Meredith Press.

Hirschman, Albert O. (1982). *Shifting Involvements*. Princeton, Princeton University Press.

——— (1989). "Duzentos Anos de Retórica Reacionária — O Caso do Efeito Perverso". *Novos Estudos Cebrap*, n° 23, março.

Jaguaribe, Hélio (1990). "O PSDB ante a Presente Situação do Brasil". Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Políticos e Sociais, novembro, mimeo.

Levitas, Ruth, org. (1986). *The Ideology of the New Right*. Cambridge, Polity Press.

Schneider, William (1990). "Compreensão do Neoliberalismo". *Diálogo*, vol. 23, n° 1. Resumo de artigo publicado na revista *The Atlantic*.

Muitas das convicções de Collor obviamente já estão formadas. Mas para que seu governo seja bem-sucedido ele precisará de humildade para mudar algumas dessas convicções se as políticas decorrentes não estiverem dando certo. E uma vez definida uma nova e clara política, será necessária a negociação. Em certos casos, particularmente no controle da inflação, será necessário um acordo social. Imaginar um relacionamento direto e permanente com toda a sociedade através do rádio e da televisão é impossível. O acordo social, entretanto, só será bem-sucedido se o governo tiver uma proposta clara a fazer à sociedade. Uma proposta que ao mesmo tempo combine liderança e determinação com o comprometimento com o regime democrático.

A modernidade é um desafio para o Brasil. Desafio que poderá ser enfrentado tanto pela esquerda como pela direita modernas desde que tenham muito claros para si a gravidade da crise fiscal e o sentido do interesse nacional. As últimas eleições parlamentares e para os governos dos estados não representaram um avanço nesse sentido. A eleição presidencial de 1989, entretanto, continua a significar uma esperança para o país. Uma esperança que 1991, apesar dos tempos incertos em que vivemos, se encarregará de confirmar ou negar.

---

Luiz Carlos Bresser Pereira é professor titular de economia da FGV e membro do Conselho Diretor do Cebrap. Já publicou nesta revista "A Crise da Nova República" (Nº 23).

---

Novos Estudos  
CEBRAP  
Nº 29, março 1991  
pp. 3 -9

---

#### RESUMO

As eleições de 1990 não representaram nem uma vitória nem uma derrota para Collor. Nessas eleições os problemas ideológicos ficaram em segundo plano. Continua, entretanto, sendo fundamental situar Collor e seu governo no plano ideológico. Collor não é um neoliberal como geralmente se afirma. É representante de uma direita moderna. Para chegar a essa conclusão o trabalho define o neoliberalismo, o distingue da direita moderna existente no Brasil e da direita arcaica, além de fazer também a distinção entre a esquerda moderna e a arcaica. Em meados dos anos 80 a transição democrática ocorreu no Brasil da direita arcaica para a esquerda arcaica. A partir de 1987 Sarney rompe com a esquerda arcaica e se alia à direita arcaica. A modernidade política manifesta-se na eleição de Collor, que, entretanto, governa em tempos de incerteza, nada garantindo que terá êxito em sua missão.